EDITORIAL / EDITORIAL

RUMO AO PÓS-HUMANO?

Toward the Posthuman?

Johan Konings *

É assustadora a previsão de que dentro de meio século não haverá mais emprego. O robô fará tudo. Imagine que todos os problemas materiais fiquem resolvidos, enquanto os problemas “existenciais” continuam: era o que imaginou Franz Werfel na sua clássica obra de ficção, “Estrela dos que não nasceram” (Stern der Ungeborenen, 1946), que nos leva cem mil anos para frente. Só que, pelo que parece, o prazo talvez não seja tão grande...

Por enquanto, a solução dos problemas materiais ainda não está à vista. O desemprego talvez seja o mais difícil, porque, numa sociedade meritocrática, quem não contribui com trabalho ou patrimônio (privilegio de poucos) é excluído. E também porque o desemprego gera outros males, desânimo, depressão, drogas... Os jovens não veem mais a perspectiva de se realizarem e de terem um lugar reconhecido na sociedade mediante o trabalho. Esse problema será resolvido pela alocação de um salário-subsistência universal? Discute-se se o ser humano precisa justificar sua participação na sociedade pelo trabalho ou simplesmente pelo fato de existir. Será que esta última razão constitui a base para uma participação ativa na vida da sociedade? E de que tipo? Será que o trabalho pode ainda ser considerado como título de dignidade, quase de nobreza, como ensina a Encíclica “Laborem exercens” de João Paulo II (1981)?

Em 1930, Sigmund Freud publicou “O mal-estar na cultura” (*Das Unbehagen in der Kultur*) apontando para a não satisfação dos desejos inconscientes.

* Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Talvez a assim chamada revolução cultural de maio 1968 tenha sido uma tentativa de aproximar as pessoas de seus sonhos mais profundos. Acontece que esses sonhos são às vezes menos pacíficos do que pensamos, pois o que mais aumentou desde então foi a violência. Ou será que esta é a consequência de novas repressões? Num cenário de enriquecimento global e irresponsável, a desigualdade juntada ao culto do consumo acaso não criou frustrações tão violentas como a repressão puritana de séculos passados? Não só porque o sonho de consumo, muitas vezes, é inalcançável, mas também porque muda continuamente em função do produto que se quer vender, sem produzir a *wellness* sonhada.

Claro, o aumento da violência tem a ver também com feitos políticos, sobretudo o aticamento das guerras no Oriente Médio e alhures, com o consequente aumento das massas de refugiados e a crescente animosidade contra islâmicos e outros imigrantes nos países ocidentais. Por outras razões, também na América Latina surgem novas ondas migratórias que podem provocar reações negativas e até violentas naqueles que migraram para seu território alguns séculos antes dos novos migrantes.

Mas no olho desse furacão talvez esteja algo bem mais grave: a desconstrução do tecido civilizatório e social, a “desconstrução civil”... Na superfície deste fenômeno estão o consumismo e a “distração” provocados pela globalização preponderantemente econômica e comercial, avessa ao aprofundamento da consciência crítica e ao humanismo mais profundo. É significativa a tendência a marginalizar as ciências humanas, e até a literatura e a arte. Sinais de descarte do humano?

A assim chamada vida social é moldada pelos impulsos e pelo imediatismo, não pela sabedoria e pela ética. As novas tecnologias da comunicação, destinadas a serem meios de informação, promovem o instantâneo, não o refletido. Cabe perguntar se merecem o nome de ‘comunicação’, isto é, de colocação em comum. Muitas vezes servem para fazer as pessoas engolirem mera propaganda, fraudes (*fake*) ou fanatismo, se não para divulgar subterraneamente vícios, lucrativos para alguns e destrutivos para muitos outros, especialmente para os jovens. E quanto às redes sociais, pode-se perguntar se são redes no sentido de captar comunicação valiosa ou redes-armadilhas.

A política, em vez de ser um esforço diligente (e inteligente) de procurar o bem comum, torna-se um campo de batalha de egos e/ou de interesses corporativistas, e para que o povo não olhe em outra direção recorre-se ao medo construído, ao pânico artificialmente produzido, enquanto os verdadeiros perigos são ocultados (por exemplo, o perigo do consumo absolutizado). Para coibir a reflexão impõem-se escolhas radicais. Pensar faz mal! Prefere-se incompetência...

Nesta altura do campeonato devemos recolocar em questão o mito do progresso. Aliás, não será a primeira vez. Diga-o Prometeu! Tem-se a impressão de que, apesar das advertências de ecologistas, preservacionistas e minimalistas, voltou com força redobrada o mito da tecnologia e do progresso ilimitados. A voz do Papa (*Laudato si'*) parece pregação no deserto. E o deserto se amplia cada dia mais. Poderosos chefes de Estado negam os problemas ambientais. Incentivam a indústria bélica e, conseqüentemente, as guerras, por exemplo, no Oriente Médio e na África, o continente esquecido (porque não convém divulgar o que lá acontece). O extrativismo (mineração, petróleo etc.) passa impunemente por cima de todas as leis, precauções e restrições. As observações que apontam para o cansaço e até o esgotamento do planeta são simplesmente postas de escanteio.

Que atitude adotar diante disso? Fatalismo, deixar que não só a sociedade, mas até o planeta se percam para a convivência humana? Não apontam nesta direção os incrementados esforços para se procurar, se não vida, pelo menos minérios nos outros planetas? Uma elite que se salva à custa da humanidade e de seu habitat. Começou a pós-humanidade? Deixar chegar o ciber-homem (ou o “astromental” como lhe chamou Franz Werfel oitenta anos atrás), um reduzido grupinho de seres bastante chatos, sincretizados com seus “menteloboís” (espécie de super-smartphones)... e que os outros se danem!

Quem sabe, uma boa releitura das primeiras páginas da Bíblia nos dê uma orientação. Na primeira página, o ser humano é chamado, como imagem e semelhança de Deus, a governar uma parte da criação. Na segunda página ele estraga a festa, querendo ser como Deus, mas não conforme o plano de Deus. Eterno tema da *hybris*, que é a verdadeira serpente do paraíso.

Estamos vivendo um *upgrade* do antigo mito do progresso ilimitado. Dando mais liberdade ao empresariado, aos bancos e ao comércio, a sociedade se dinamiza, indústrias, manufaturas e até escolas entram em competição, a variedade dos produtos cresce e a qualidade é projetada para a substituição planejada. A chave desse milagre é a livre iniciativa, com o Estado reduzido ao mínimo (a não ser para garantir a “segurança”). Em vez do planejamento estatal, o *lobby*. Em vez do judiciário autônomo, a mediação. Mas a liberdade é a da empresa, não a das pessoas. Os pobres não acompanham. As etnias arcaicas devem ser transformadas em museus ao ar livre, se não eliminadas. As matas devem ser... “matadas” ou desmatadas? Qual é o termo certo? Devem desaparecer, para não impedir a produção de alimentos que ultrapassam de longe o que a boa dieta aconselha. O planeta não aguenta. Não apenas se torna cada dia mais difícil o suprimento de matérias primas, combustível fóssil, metais raros etc., o próprio ambiente atmosférico se torna cada dia mais inóspito. A solução é procurada na exploração de outros planetas. Depois de jogar fora a população incapaz de acompanhar o progresso se fará do planeta

Terra, não um *habitat* ecologicamente sustentável, mas um mero habitáculo organizado em base de sistemas digitais. Progresso é isso aí, e quem não acompanhar, que se dane. E o messianismo religioso, sobretudo o chamado cristianismo, serve para manter a ilusão de que você é 'OK', 'justificado pela fé', se não aos olhos de Deus, pelo menos aos próprios olhos.

A uma (des)cultura que (mesmo invocando a religião) se coloca no lugar de Deus não podemos responder sem Deus. Os que se valem do nome de Jesus Cristo devem deixar que sua Palavra e seu Espírito se instilem em sua vida como pessoas e como comunidade.

Ao mesmo tempo precisamos de um novo humanismo. A renovação da consciência humana começa com a educação, e o descaso da educação não é um acaso. Faz parte da 'dementização' que é necessária para que o implícito projeto do pós-humano possa vigorar. Projeto implícito, talvez nem pensado como tal, mas propulsionado pela 'fé' de que tudo o que é tecnicamente possível deve ser posto em prática. Ora, tal fé é idolatria. Coloca a *tekhné* (sobretudo se lucrativa) no lugar de Deus e dos seres humanos, que nossa tradição considera como filhas e filhos queridos de Deus. É o Moloc dos fenícios. E cuidado! Ele vive em cada um de nós. Portanto, vigilância!

Isso nos faz questionar as nossas instituições, tanto as políticas como as religiosas. Por que sofrem de descrédito? Por que não animam as pessoas, a não ser para coisas sensacionais e superficiais? Será porque ficam muito teóricas, tanto ao citarem os Direitos Humanos quanto ao exibirem encíclicas papais? Porque falta coragem profética e verdadeira mística? Porque falta o olhar voltado para aquele Guia que Moisés contemplava "como se visse o invisível" (Hb 11,27)?

Dizem que os profetas incomodam, e é bom que aconteça. Mas não vem dos profetas o mal-estar que produz, por um lado, desânimo e depressão e, por outro, violência e agressão. Vem da abismal insatisfação de quem vive cortado da fonte da vida. Basta observar o olhar aparentemente enérgico, mas profundamente desalmado dos campeões do novo bem-estar.

O olhar profético nos convoca a uma resposta cristã, eclesial (embora não clerical, pois o clero é apenas uma função de serviço à comunidade). Unidos num Corpo que é maior que o ego de cada um, porque santificado pela auto-oferta de Jesus na Cruz, conclusão e prova de amor fraterno sem fim.

A pós-humanidade ainda não se realizou *de facto*, e mesmo com o prazo de cem mil anos os humanos imaginados por Franz Werfel têm sentimentos muito semelhantes aos nossos. Então, parece mais realista cuidar, antes de tudo, dos humanos de hoje. Nem pós-humanos, nem supra-humanos como o *Übermensch* de Nietzsche. Cuidemos da humanidade presente e real para que se verifique a frase de santo Ireneu: "Gloria Dei vivens

homo". Observemos com atenção o assim chamado progresso (e inclusive as regressões que o acompanham) para que em todas as mudanças paradigmáticas da humanidade sempre se verifique "a imagem e semelhança" de Deus.

Pés no chão, mas a cabeça levantada para o Céu e bem arejada pelo *Pneuma*.

Editorial submetido em 15.09.2018 e aprovado em 26.10.2018.

Johan Konings SJ, é Doutor em Teologia pela Katholieke Universiteit Leuven (1977) e professor na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia-FAJE, em Belo Horizonte-MG. Orcid.org/0000-0001-7200-0753. E-mail: konings@faculdadejesuita.edu.br

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127
Bairro Planalto
31720-300 Belo Horizonte – MG